

A DOENÇA E A
DISSOLUÇÃO DO
SUJEITO, EM *FRUTA
PODRIDA*, DE LINA
MERUANE. O QUE PODE
O CORPO ESCRITO?

**ANA CAROLINA
MACENA FRANCINI**
Doutoranda em Literatura
Hispano-Americana na
Faculdade de Letras
da USP e Mestra pelo
Programa de Pós-Graduação
em Língua Espanhola e
Literaturas Espanhola e
Hispano-Americana do
Departamento de Letras
Modernas da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade
de São Paulo (FFLCH-USP).
Atualmente, é professora
de Português e Espanhol
(Ensino Médio e Superior)
no Instituto Federal de
São Paulo – Campus São
Roque. Tem experiência na
área de Letras e Educação.
Trabalhou como professora
e corretora de Redação no
Curso e Colégio Objetivo.

RESUMO

O romance contemporâneo *Fruta podrida* (2008), da escritora chilena Lina Meruane, narra a história de duas irmãs que vivem no campo: María — a mais velha —, especialista em pesticidas, e Zoila — irmã mais nova —, diagnosticada com diabetes. Chama a atenção o fato de a narrativa girar em torno do corpo doente de Zoila o qual, sem estar sob o controle do “sujeito da consciência” da personagem, acaba por ser subjugado pela medicina que, legitimada pelo saber científico, detém o monopólio sobre o corpo enfermo. Tendo isso em vista, o objetivo deste trabalho é analisar de que modo o romance, ao pôr em foco o corpo doente- seus sofrimentos e suas potencialidades-, problematiza a categoria de ‘pessoa’ ou de ‘sujeito da consciência/de direito’, como única forma possível/reconhecível do ser. A categoria de pessoa pensada para este trabalho é a que está presente em discursos jurídicos, filosóficos e políticos e que sustenta as reivindicações dos direitos humanos, contraditoriamente tão em voga na contemporaneidade, conforme teorizou o filósofo italiano Roberto Esposito, em seus livros *Tercera persona* (2009) e *Dispositivo de la persona* (2011). Dessa forma, será pertinente investigar também como a dissolução da hierarquia binária mente/corpo, no romance de Meruane, pode — como ato político — permeiar o sensível (RANCIÈRE, 1995), desestabilizar os dispositivos de controle da biopolítica (FOUCAULT, 2004, 2011) e instigar por novas formas de liberar e pensar a vida para além da exclusiva e excludente categoria de pessoa.

PALAVRAS-CHAVE: Fruta Podrida, Lina Meruane, doença, corpo, sujeito.

*Na recusa das grades,
o jaguar faz do próprio corpo a sua liberdade.
Maria Esther Maciel*

O CORPO DA ESCRITA

Em seu ensaio “Los travestis”, do livro *La simulación* (1982), o escritor exilado cubano Severo Sarduy (1937-1993) descreve o minucioso trabalho de escritura corporal de monges hindus – os ‘sadús’ –, que copiavam em seus corpos os *Vedas*, escrituras sagradas em sânscrito, do hinduísmo:

Las letras de un viejo manuscrito, apagadas por las manos y por el monzón, va a pasar del espacio inanimado y plano de la página, a la topología móvil del cuerpo. (...) Ejercicio sin fallos: se trata de salvar el cuerpo. No mediante el sacrificio o el don, no en su “caída”, sino por su inserción en un orden textual -el de los Vedas- al cual el cuerpo del sadú viene a anudarse, preso en el red de la escritura. (SARDUY, 1982, p. 63)

A inscrição da letra no corpo, com um pincel, feita pelos ‘sadús’ amalgama escrita e corpo; gesto este que possibilita ao corpo inserir-se na ‘ordem textual’ e, por conseguinte, situar o homem em seu grau mais elevado, segundo Sarduy: “el reino del símbolo” (SARDUY, 1982, p.64), da linguagem. Esta contiguidade entre letra e corpo, por sua vez, é uma noção fulcral que perpassa a obra de Sarduy, na qual se permite pensar não somente o corpo como texto, mas também o reverso: conceber a escritura em sua materialidade, como um corpo. Mais estritamente, essa perspectiva propicia pensar a materialidade da escrita literária: o corpo da literatura.

Tal concepção – tanto simbólica como material – da escrita literária (e do corpo) de Severo Sarduy, de alguma forma, reverbera na ideia que o filósofo francês Jacques Rancière (1940) possui sobre o ‘ato de escrever’ que preconiza sua teoria da ‘escrita como um ato político’, presente em sua obra *Políticas da escrita* (1995). Neste livro, distintivamente do gesto dos ‘sadús’ que escrevem no próprio corpo, tornando-o texto, Rancière reconhece a escrita como uma prolongação desse corpo: “uma relação da mão que traça linhas ou signos com o corpo que ela prolonga; desse corpo com a alma que o anima e com outros corpos com os quais ele forma uma comunidade; dessa comunidade com a sua própria alma” (RANCIÈRE, 1995, p.7). Assim, para o filósofo francês, uma vez que o corpo se prolonga na escritura, pela qual se estabelece a conjugação com outros corpos, configura-se a comunidade. É a partir dessa noção de comu-

nidade – que é também uma forma de contiguidade entre corpo e letra ao modo dos ‘sadús’ – que se pode instaurar o ato da escrita como uma “maneira de ocupar o sensível e dar sentido a essa ocupação” (RANCIÈRE, 1995, p.7). É por essa razão que para Rancière a escrita é coisa política, pois – permeando o sensível – ela constitui esteticamente a comunidade, alegoriza essa comunidade e lhe dá forma:

A escrita é política porque traça, e significa, uma re-divisão entre as posições dos corpos, sejam eles quais forem, e o poder da palavra soberana, porque opera uma re-divisão entre a ordem do discurso e a das condições. (RANCIÈRE, 1995, p. 8)

É esta relação, pois, entre escrita e ‘ligação comunitária’, que estaria atrelada ao conceito de “políticas de escrita”, de Rancière, que pensa a escrita não como instrumento de poder, mas como forma de partilhar e determinar o sensível. Dessa maneira, tendo em vista essas noções, este breve artigo tem como objetivo analisar como se configura no romance *Fruta Podrida* (2018), da escritora chilena Lina Meruane, essa continuidade entre corpo e escrita que, ao pôr em foco o corpo doente da protagonista, dilui a hierarquia binária mente/corpo e acaba por problematizar a categoria de ‘pessoa’ ou de ‘sujeito da consciência/de direito’, como única forma possível/reconhecível do ser. É pertinente salientar que a categoria de pessoa pensada para este trabalho é a que está presente em discursos jurídicos, filosóficos e políticos e que sustenta as reivindicações dos direitos humanos, contraditoriamente tão em voga na contemporaneidade, conforme teorizou o filósofo italiano Roberto Esposito, em seus livros *Tercera persona* (2009) e *Dispositivo de la persona* (2011). Estendendo a relação escrita/corpo à política, tal como postula Rancière, o intuito desta análise é também indagar de que maneira a narrativa de Meruane, como coisa política, entremeia e ocupa o sensível, desestabiliza os dispositivos de controle do biopoder (FOUCAULT 2004, 2011) e permite interpelar por novas formas de liberar e pensar a vida para além da exclusiva e excludente categoria de pessoa humana, conforme será exposto a seguir.

A DOENÇA, SEM METÁFORAS

Habría que esperar.

Habría que estudiar.

Habría que consultar con los cirujanos extranjeros que venían cada año por si había algún promisorio adelanto.

Pero habría era un verbo condicional y el Médico Cirujano lo reemplazó por habrá, por haré la consulta o haremos, porque en la actualidad hacemos trasplantes de riñón, de pulmón, de corazón, aunque todavía nadie sobreviva suficientes días como para celebrarlo públicamente o anunciarlo por los diarios... Pero los hacemos porque en caso extremos, ya terminales, es la única opción para alargar la vida unos días, unos meses, a veces simplemente horas.

Al menos ese tiempo produciría la ilusión de haberle robado horas a la fatalidad. Al menos esas operaciones contribuirían al desarrollo de la ciencia a bajo costo. ¿Y entonces qué estaban esperando?

(MERUANE, 2015, p. 27)

Neste trecho do romance *Fruta Podrida*, a indagação feita pela personagem María – “¿Y entonces qué estaban esperando?” – parece óbvia à primeira vista, frente à única alternativa médica para salvar sua irmã enferma Zoila da “desgraça de padecer eternamente” de diabete (MERUANE, 2015, p.28). Presente no primeiro capítulo, denominado “Plan fruta” – num entrecruzamento entre a fruta podre e o corpo doente que vai além do simbólico –, este diálogo entre o médico Diretor do Hospital e María engendra o que será a trama desta narrativa: o drama da protagonista Zoila, a irmã mais nova que está sob os cuidados, ou melhor, à mercê da irmã mais velha María, especialista em pesticidas, a qual trabalha para uma grande empresa de Agronegócios para a exportação de frutas. O oposto de Zoila, María é caracterizada pelo seu asco às doenças: obcecada por higiene e pela fruta saudável (coberta de agrotóxicos), María tem como obstinado propósito a cura de sua irmã mais nova.

Mais especificamente, a conversação supracitada prenuncia o atroz acordo entre María e a junta hospitalar que visa, por meio de um escuso projeto experimental de transplantes de células com bebês recém-nascidos, prolongar a vida saudável de Zoila a qualquer custo (nem que seja por algumas horas), sem seu consentimento. A protagonista, então, diagnosticada com diabete, não é mais dona do seu corpo cujos proprietários são os médicos com suas prescrições, sem que a enferma possa interferir ou escolher o melhor tratamento para si. A narrativa põe em relevo, dessa forma, a tensão, de um lado, entre os médicos e María – os quais têm por objetivo tratar Zoila para um arriscado transplante – e, do outro, a enferma Zoila, que – contrária à afirmação do médico – não quer ter sua vida ‘alargada’ nem que seja por algumas horas. Zoila, na verdade, almeja o que parece ser impensável numa sociedade mercantil gerida por discursos que controlam e valorizam a vida produtiva: deseja deixar-se morrer.

Esse diálogo entre María e a junta médica – que culmina com a pergunta “¿Y entonces qué estaban esperando?” – pode ser considerado óbvio, mas o é especialmente nas socieda-

des industriais avançadas, nas quais a doença e a morte tornaram-se fatos “ofensivamente sem sentido” (SONTAG, 2007, p.14), tal como aponta a escritora norte-americana Susan Sontag (1933-2014), em seu livro *Doença como metáfora* (1978). Nesta obra, Sontag discorre sobre o imaginário que se criou em torno da tuberculose, sobretudo no século XIX, e do câncer no século XX. O que essas doenças teriam de semelhante? Ambas, cada uma em seu tempo, remeteriam a enfermidades misteriosas, intratáveis, caprichosas. Seriam, portanto, um escândalo à compreensão racional e médica, uma vez que esta, desde o século XIX, postula que todas as doenças poderiam ser curadas (SONTAG, 2007, p. 12).

Susan Sontag, então, sustenta que, quando uma doença temida ainda não foi compreendida pela medicina, isto é, quando ainda não há consenso sobre sua origem e, por conseguinte, sobre o seu tratamento para sua cura, esta lacuna é preenchida por uma série de fantasias que tentam apreender tal doença. Em outras palavras, para que uma doença misteriosa faça ‘sentido’, ela não pode ser reconhecida pelo que ela é – literalmente uma doença – já que sua compreensão foge aos limites do pensamento racional – ela acaba convertendo-se num símbolo de algo outro, ou seja, torna-se uma metáfora.

É o que parece ter ocorrido com a tuberculose e, nos dias atuais, com o câncer, pois, conforme afirma Sontag, ambas enfermidades são pensadas, metaforicamente, como doenças de paixão:

Assim como a tuberculose foi vista como uma doença provocada por excesso de paixão, que acometia os imprudentes e os sensuais, hoje muitos creem que o câncer é causado por uma paixão insuficiente, que acomete pessoas sexualmente reprimidas, inibidas, sem espontaneidade, incapazes de expressar ira. (SONTAG, 2007, p. 24)

Dessa forma, nota-se que a causa das duas enfermidades está relacionada a um traço psicológico que justifica a existência da doença e que culpabiliza, de alguma forma, o próprio sujeito enfermo por contraí-las. Entretanto, apesar das semelhanças, Sontag pontua uma diferença importante entre elas: a tuberculose, por ser contraída no pulmão, é concebida como uma doença “da alma”; já o câncer, como pode ser contraído em qualquer órgão – inclusive nos órgãos considerados constrangedores –, é concebido como uma doença mais “baixa”, do corpo. Assim, enquanto a tuberculose acabou por se tornar uma doença lírica, espiritualizada, elevada, cuja morte foi estetizada pelos românticos, “o câncer é um tema raro e ainda escandaloso para a poesia; e parece inimigável estetizar a doença” (SONTAG, 2007, p. 23).

Sem perder de vista o fato de que o livro de Sontag foi publicado na década de 1970, foi possível notar no romance contemporâneo *Fruta podrida* um gesto literário distinto do que

aponta Sontag com relação à doença. Esta não é mais narrada metaforicamente como símbolo de algo outro (tal como faziam os românticos), ao contrário, a doença, de forma perturbadora, é narrada literária e literalmente pelo que ela é: tão somente uma doença. E, ainda que não seja o câncer, a diabete de Zoila é uma doença degradante e degenerativa que, apesar de não ser imediatamente letal, não tem cura, assim como o câncer. Desse modo, a protagonista encontra-se confinada neste limbo angustiante – o seu tratamento – que a narrativa põe em foco. Por sua vez, a doença, ao instaurar-se pelo que ela é no corpo e na narrativa, sem apresentar um outro sentido que a torne inteligível, parece desestabilizar o pensamento racional. A enfermidade parece instaurar na narrativa a lógica do corpo, que a racionalidade custa a abarcar. Outrossim, ao perturbar o pensamento racional, a presença do corpo doente – com seus sofrimentos e suas potencialidades – acaba por problematizar também a categoria que sustenta tal pensamento: o sujeito da consciência ou simplesmente a noção que se tem de “pessoa humana” tal como está popularmente estabelecida em discursos jurídicos, filosóficos e políticos e que converte esse sujeito num sujeito ‘de direito’, que o protege, conforme postula o filósofo italiano Roberto Esposito, em seus livros *Tercera persona* (2009) e *Dispositivo de la persona* (2011), como será discutido nos tópicos a seguir.

NARRATIVA DOENTE

Se a lógica do corpo está instaurada nessa narrativa ou se a narrativa é um corpo escrito, tal escritura dificilmente remeteria a um sujeito da consciência, uno: é isso que se nota no foco narrativo de *Fruta Podrida*. Dividido em quatro capítulos – “Plan Fruta”, “Moscas de la fruta”, “Fruta de exportación” e “Pies en la tierra” –, cada um possui uma instância narrativa distinta: no primeiro capítulo, o narrador está em terceira pessoa; no segundo capítulo, a voz é de Zoila, em primeira pessoa; em seguida, converte-se em segunda pessoa; e, por fim, volta à primeira pessoa, mas com foco narrativo de uma enfermeira norte-americana de um grande hospital, que conversa com Zoila.

Tais variações no foco da narrativa não permitem que haja uma centralidade do sujeito no romance e conduzem para uma neutralização dessa categoria. E tal como assinala Blanchot, em “A voz narrativa” (2010), o discurso literário – por suas peculiaridades – é um dos espaços mais genuínos do impessoal, ou seja, de neutralização da categoria de pessoa ou sujeito. Isso porque, segundo esse autor, o ato de narrar implica a renúncia do “eu” para dar voz ao “ele”, no entanto essa terceira pessoa não seria um outro sujeito, seria o neutro. Para Blanchot, a voz narrativa é neutra, pois ela se relaciona com a linguagem de maneira oblíqua, de forma que perca seu centro: não há exatamente um sujeito singular que se afirme na linguagem, como

esta pressupõe. O narrador “é aquele que renuncia a dizer ‘eu’ mas delega esse poder a outros” (BLANCHOT, 2010, p. 144), tais como os personagens. No entanto, na estrutura narrativa de *Fruta Podrida*, este descentramento do sujeito fica ainda mais evidente, já que nem a subjetividade dos personagens é possível contornar de maneira clara, reverberando ainda mais o processo de dissolução do sujeito na narrativa.

DESCIDA AO CORPO. DESCIDA AOS CORPOS

¿Y qué era ese olor, ese poderoso olor que le arrancaba otra náusea? La boca abierta de ese cuerpo emitía una empalagosa podredumbre. Apretó las muelas, la hermana mayor. En ese aliento espeso había manzanas agrias recién caladas. Se separó para tomar aire, y aspiró otra vez. (MERUANE, 2015, p. 16)

Náusea, mau hálito, maus odores: sem o intuito de estetizar o corpo, a narrativa de *Fruta podrida* declara a presença putrefata do corpo, que quase sempre se buscou ocultar dentro e fora dos limites da narrativa literária em primazia da consciência. Tal predominância da mente sobre o corpo, conforme assinala Esposito, corresponde a uma perspectiva dicotômica vigente a respeito do conceito de pessoa, a exemplo da concepção do filósofo francês de orientação católica Jacques Maritain, presente em seu livro “Os direitos do homem” (1967), que embasou a Declaração dos direitos humanos. De acordo com esta definição, no processo de personificação do ser humano seria necessário submeter sua parte animal, relacionada ao corpo, à parte racional correspondente à consciência. O corpo se tornaria, portanto, objeto desse sujeito, que é “senhor de si” e deteria o controle desse corpo, eis a pessoa humana (MARITAIN, 1967, p. 55; 62). É por isso que Esposito afirma que, na verdade, a categoria de pessoa – normalmente relacionada à tradição cristã ou aristotélica – jamais coincide com o corpo, é algo para além do corpo e isto seria o seu valor: a pessoa ou personalidade seria como uma “máscara” aderida ao corpo do ser humano, a qual estaria reservada somente a sua parte espiritual, mais elevada, portanto, apartada do corpo (ESPOSITO, 2009, p. 112).

Em razão dessa separação e hierarquização entre mente e corpo, referir-se ao corpo acaba por tornar-se uma decaída, nas palavras de Cristina Burneo Salazar, em seu ensaio “Cuerpo geminado”:

Digo que descendemos el cuerpo porque pensarlo es una tarea baja: sus órganos, fluidos, tubos, orificios, funciones han sido reprimidos por siglos y aun suprimidos

en nombre del alma, la mente, el espíritu. Los tubos que conducen a un orificio y un alma elevada no pueden ser parte de lo mismo. Hemos hecho arte, pensamiento, literatura, medicina, arquitectura, sin cuerpo. Prescindir del cuerpo para hablar de la existencia, de la cultura, prescindir del cuerpo para hablar del cuerpo. Quiero enunciar la vuelta del cuerpo (...). (BURNEO, 2017)

Este prefigura ser também o anúncio de *Fruta podrida* que indaga o corpo desde baixo e instiga por novas configurações do pensamento, do sujeito e da existência na narrativa literária: a erupção do “sangue doce” de Zoila que atesta sua doença – tema central da narrativa – instaura uma ordem outra, corpórea, que contesta a primazia da mente e, por conseguinte, a categoria de pessoa. Essa presença do corpo, que foge ao controle da racionalidade, de alguma forma, revê a noção de que o enfermo poderia ser responsável por sua própria doença, conforme assinou Sontag. Essa responsabilidade atribuída ao próprio doente seria consequência dessa visão “elevada” do conceito de pessoa, na qual a consciência deveria se sobrepor ao corpo. Não por casualidade, em entrevista ao Clarín, Lina Meruane também contesta tal ideia ao afirmar:

que un enfermo no es responsable nunca de su enfermedad ni tampoco de su curación, esa idea también hay que volver a pensarla, críticamente. (...) La enfermedad está infectada por la culpa. Es importante resistirlo (...).

A culpa, por sua vez, implicitamente, pressupõe uma infração cometida por esse “sujeito da consciência” que deve sofrer uma punição, o que corrobora para uma postura de “paciente” resignado, que o torna ainda mais vulnerável a possíveis tratamentos médicos abusivos ou simplesmente indesejados. Zoila, no entanto, não se coloca como “paciente” e tampouco carrega esta culpa, ao contrário, ela busca resistir ao monopólio sobre o seu corpo doente pelo saber médico-científico mercantil que, alicerçado por essa visão racional, quer ocupar esse papel do sujeito de consciência da personagem. Quando Zoila recusa-se às prescrições médicas e entrega-se ao seu apetite de comer açúcar, por exemplo, desde baixo, desde seu corpo, Zoila afronta a visão limitada de vida saudável e produtiva dos discursos médico-científicos para os quais o único intento é evitar a morte cujo limiar se define por uma ameaça, como o vírus ou a peste, sendo sua função controlar essa vida e restringi-la dessas ameaças (RECCHIA PAEZ, 2018, p. 159).

Portanto, de forma semelhante ao que teorizou Michel Foucault, em *Microfísica do poder* (2004), a presença do corpo doente em *Fruta podrida* delata as práticas de controle da biopolítica, a partir da articulação entre o saber e o poder que produz discursos que sujeitam o

corpo, como o discurso da medicina. Destarte, quando a política subverte sua prática para a gestão e controle da vida biológica e produtiva, a categoria de sujeito torna-se esvaziada de sentido e mais uma vez se dissolve. Por isso, a condição de enferma de Zoila insinua que a personagem não é mais sujeito da consciência (pessoa humana) e não pode responder por si: por imposição, torna-se paciente. Não por casualidade, uma das passagens mais marcantes do livro se dá quando María, irmã de Zoila, na iminência de ser presa, acusada por contaminar frutas propositalmente, pede a Zoila que lhe dê uma garrafa de veneno, pois preferia a morte a padecer na cadeia e Zoila hesita:

Me miro al espejo y veo a María en el Reflejo.
Encuentro la botella, no tengo más que un minuto para decidir qué hacer con ella.
Los hombros de esos hombres ahora empujan la puerta.
Por qué concederle una libertad a la que yo nunca tuve derecho.
Por qué darle la posibilidad de una muerte que yo misma he deseado siempre.
(MERUANE, 2015, p. 127)

A morte e a doença convertem-se, dessa maneira, numa espécie de libertação ou resistência às práticas da biopolítica na narrativa a qual, por seu turno, parece permear o sensível e interpelar por novas formas de pensar a existência, a vida, o corpo para além de sua habitual submissão à mente e ao discurso médico-científico mercantil, reordenando-os.

E, não bastasse a presença da doença e dos fluídos corporais, a narrativa de Meruane faz assomar tudo aquilo que escapa ao controle da racionalidade: as moscas da fruta, a praga, a fruta podre. Mais que uma descida ao corpo, *Fruta podrida* é uma descida aos corpos, à materialidade que lhes é comum, mais uma vez diluindo a noção de sujeito na narrativa. O fato de María ser uma especialista em pesticidas que devem prevenir a qualquer custo pragas nas frutas para exportação (para gerar lucro à empresa multinacional que explora o terceiro mundo) corrobora a ideia de que tanto a fruta quanto o corpo de Zoila padecem da mesma condição: de uma lógica perversa de “procedimentos múltiplos” de controle do corpo (FOUCAULT, 2011, p. 154), que adentram vários níveis e instituições diversas da sociedade e que possibilitam a dominação econômica e o acúmulo de capital. Nesta narrativa não parece haver sujeitos, mas sim corpos subjugados. A lógica do corpo na narrativa, portanto, revela um contínuo entre as corporeidades que não cabe nos contornos de um sujeito, colocando-o em xeque.

Por fim, *Fruta podrida*, ao não prescindir do corpo em sua narrativa, reivindica formas de resistência onde a opressão parece estar mais “profundamente arraigada”: no próprio corpo, assim como adverte Felix Guattari, em seu manifesto “Para acabar con la masacre del cuerpo”:

Es el espacio de este cuerpo con todo lo que produce de deseos lo que nosotros queremos liberar de la influencia “extranjera”. Es en este lugar que nosotros queremos “trabajar” por la liberación del espacio social. Entre ambos no existe ninguna frontera. Yo me oprimo porque yo es el producto de un sistema de opresión extendido a lo largo de todas las formas de lo vivido. La “conciencia revolucionaria” es una mistificación siempre que no pase por el “cuerpo revolucionario”, el cuerpo productor de su propia liberación. (GUATTARI, 2013, p. 59)

O corpo escrito, enfim, põe em evidência seus sofrimentos e potências e instiga a pensar: para além do sujeito, da racionalidade, do biopoder: o que poderia mais um corpo?

BIBLIOGRAFIA

- BLANCHOT, Maurice. A conversa infinita 3: a ausência de livro, o neutro o fragmentário. São Paulo: Escuta, 2010.
- BURNEO SALAZAR, Cristina. Cuerpo geminado. Cuerpo siamés. Quito: Turbina editorial, 2017.
- CLARÍN- REVISTA Ñ. Lina Meruane :La posición de víctima me parece de muy baja intensidad, 2012. Disponível em: https://www.clarin.com/literatura/lina-meruane-entrevista_0_SJw4oShvmg.html
- ESPOSITO, Roberto. El dispositivo de la persona. Buenos Aires: Amorrortu, 2011.
- _____. Tercera persona: política de vida y filosofía de lo impersonal. Buenos Aires: Amorrortu, 2009.
- _____. Las personas y las cosas. Buenos Aires: Katz Editores, 2016.
- Excesos del cuerpo: ficciones de contagio y enfermedad en América Latina. Organización: Nathalie Bouzaglo e Javier Guerrero. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2009.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.
- _____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.
- GUATTARI, Felix. Para acabar con la masacre del cuerpo. Revista Fractal. n° 69, 2013. Disponível em: <http://www.mxfractal.org/RevistaFractal69FelixGuattari.htm>
- MACIEL, Maria Esther. Literatura e animalidade. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.
- MARITAIN, Jacques. Direitos do homem e a lei natural. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1967.
- MERUANE, Lina. Fruta Podrida. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2007.
- RANCIÈRE, Jacques. Políticas da escrita. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- SARDUY, Severo. La simulación. Caracas: Monte Ávila Editores, 1982.

A doença e a dissolução do sujeito, em *Fruta Podrida*, de Lina Meruane. O que pode o corpo escrito?
Ana Carolina Macena Francini

RECCHIA PAEZ, Juan. Cuerpos infectos, cuerpos extraños: literatura y vida en Fruta podrida de Lina Meruane. *Estudios de Teoría Literaria. Revista digital: artes, letras y humanidades*, septiembre de 2018, vol. 7, n° 14, pp. 155-168.

SONTAG, Susan. *A doença como metáfora, Aids e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.